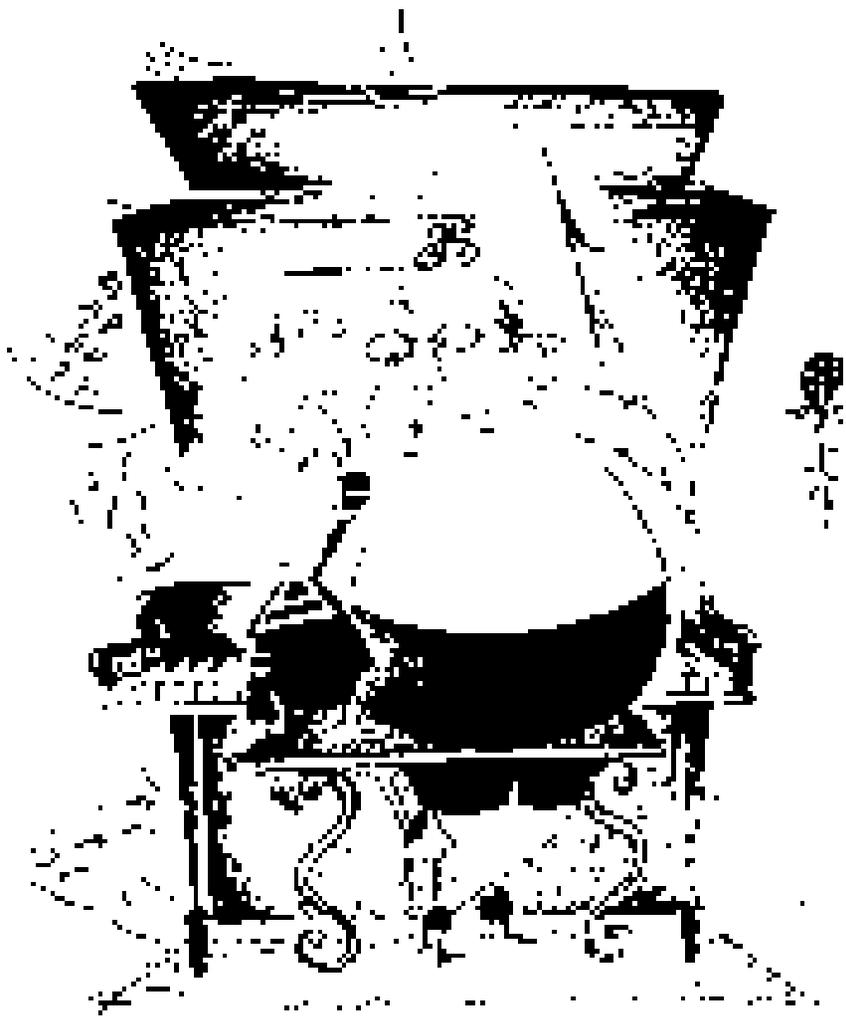


Moacyr Scliar



Memórias de um quase pianista

O piano, tal como o conhecemos, completa 300 anos, um aniversário que está sendo celebrado no mundo todo. Por boas razões: não é qualquer instrumento que sobrevive a três séculos. Durante este período o piano enfrentou várias vicissitudes; entre elas, e não a menor, o ataque dos pianistas amadores. Na qualidade de ex-integrante dessa espécie de esquadrão da morte musical, quero dar aqui o meu depoimento, que é, espero, uma homenagem à música.

Houve uma época em que quis estudar piano. Eu era guri, e já estava escrevendo minhas historinhas, mas, por alguma razão, achei que podia dominar várias artes ao mesmo tempo. A idéia foi recebida com entusiasmo por meus pais. Emigrantes russos, vinham de uma terra onde pianistas e violinistas faziam o maior sucesso. Aliás, vocações musicais não faltavam no Bom Fim. Perto de minha casa morava uma menina que já estava bem adiantada no seu aprendizado. Ela tocava ao piano *Para Elisa*, de Beethoven. O pobre Ludwig van morreu surdo, como se sabe, o que, em retrospecto, foi uma bênção: não precisou ouvir, alémtímulo, a sua composição sendo massacrada diariamente.

Minha mãe pôs-se em campo. O orçamento familiar era modesto, mas ela conseguiu uma professora que tinha piano e dava aulas a preços acessíveis. Era uma senhora gorda, que jamais sorria e sentava ao lado do aluno empun-

hando uma espécie de ponteiro. No começo pensei que fosse para indicar notas na partitura, mas logo vi que estava enganado: cada vez que eu errava (e como errava) ela me dava com o pesado objeto nos dedos. Depois de algum tempo concluí que, a continuar aquela rotina, eu talvez me tornasse pianista – mas seria o único pianista no mundo sem dedos.

Desisti do piano, mas não da música. A etapa seguinte foi a do violino. Tornei-me aluno de um velho professor que se limitava a suspirar diante dos estranhos sons que eu extraía do instrumento, uma mistura de miados de gato com aquele bizarro sinal de fax. De novo o aprendizado foi encerrado, mas fiz uma terceira tentativa, desta vez – acreditem ou não – como compositor. Lancei-me à tarefa de escrever uma sinfonia intitulada, já não lembro por que, *Sinfonia do Tambor* (até para o humilde tambor sobrou). Constava exatamente de quatro notas, escolhidas ao azar (azar delas, bem entendido).

Aí descobri o teclado da máquina de escrever e depois o do computador. Para alívio geral dos ouvidos circunvizinhos, já não produzo música. Pode sair bobagem, mas sai em silêncio.

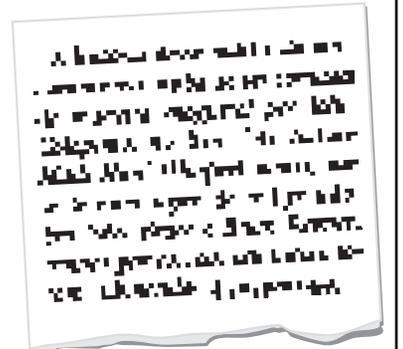
Esses tempos, na sala de espera do aeroporto de Congonhas, em São Paulo, vi um magnífico piano de cauda que, graças a algum fantástico mecanismo eletrônico, tocava sozinho, sem pianista. Era grande música. E dispensava o pianista. O que, para mim, foi um consolo.

Cartas, recados, e-mails – Semana passada houve uma tragédia aqui na redação: por alguma razão não consegui acessar as dezenas de mensagens que estavam em meu e-mail. O técnico foi chamado e, depois de um exame, deu o seu diagnóstico, ou melhor a sentença: teria de

Diário de Bordo

matar (foi o termo que usou) todas as mensagens, para que outras pudessem entrar. *** Fiquei consternado, para dizer o mínimo. Orgulhoso da correspondência que recebo, e que são contribuições do mais alto nível, de pessoas que poderiam, tranquilamente, assinar uma coluna de jornal. *** Pois é, gente: as mensagens de vocês não existem mais. Os átomos que, por força da eletrônica, juntavam-se na tela para formar letras, palavras, textos, dispersaram-se irremediavelmente. Problemas da tecnologia: com o correio comum, cartas podiam ser extraviadas, mas sua existência material estava garantida. A informática tornou nossa vida virtual. *** Falando em texto, está ótima a revista *PUCRS – Informação*, com notícias daquela universidade. *** Vinte anos completou o Ponto de Cinema, fundado pelo intrépido Carlos Schmidt, que continuou o seu projeto no Guion, o cinema que é um estado de espírito. *** A propósito de uma crônica que escrevi sobre a Escola de Pais, recém-criada na França, informa-me Nice Antonieta Schüler (Montenegro) que escolas desse tipo existem no Brasil desde 1963. A própria Nice e seu esposo desenvolvem um trabalho nesta área: pela escola deles já passaram mais de 3 mil pais e educadores. Parabéns, Nice. *** Incríveis nomes que condicionam destino: como outros médicos, a dra. Angela R. Rodrigues recebeu, do Laboratório Pfizer, uma correspondência acerca do Viagra. Até aí tudo bem. Mas olhem só o nome do diretor-médico que assina a carta: Dr. Valdair Pinto. Já

nos Estados Unidos saiu um livro contando a história de um menino que sofreu um lesão peniana e dos problemas psíquicos que enfrentou. Nome do autor: John Colapinto. *** O



caso Salles é mesmo, como escrevi na semana passada, um dilema brasileiro. Ao pagar ao traficante Marcinho VP para escrever suas memórias, João Salles provocou uma discussão em todo o país. Recebi e-mails do professor Francisco de Araújo Santos e da psiquiatra Luciane Mendonça Ferreira cumprimentando pela crônica. Carlos Renato Ungaretti Lopes e Enedir Maria Soares aplaudem a atitude de Salles; já Ney Mario Brasil do Amaral discorda, e o faz com um ótimo texto do qual só posso reproduzir parte: “Família rica não se aperta e de pronto surge a idéia de transformar o João em intelectual ... daqueles que, para produzir um borborigmo intestinal precisa ler 60 páginas de Schopenhauer.” Afirma ainda o Ney: “O Bem e o Mal existem de fato e não é furungando nos confins afetivos de cérebros deformados de bandidos que vamos equacionar um problema que é responsabilidade efetiva do Estado.” Não há dúvida, Ney, de que Marcinho VP tem de ser responsabilizado judicialmente pelos crimes que cometeu. Isto não quer dizer que ele não mereça uma oportunidade, se pretende efetivamente mudar de vida. Por outro lado, Salles pode ser um radical chique, mas é melhor um rico preocupado, mesmo por razões neuróticas, com a miséria, do que um rico insensível.

E-mail: scliar@zerohora.com.br

INDICAÇÕES PARA O MELHOR ATRIZ - Meryl Streep
2 OSCAR MELHOR MÚSICA TEMA

meryl streep aidan quinn gloria estefan angela basset
música do coração
 music of the heart
 UM FILME DE WES CRAVEN
 MIRAMAX LUMIERE
 www.lumierebrasil.com.br Sony Music
 CONSULTE O ROTEIRO DESTA JORNAL E ESCOLHA SEU CINEMA FAVORITO